Anais Eletrônicos da Semana de Teologia | ISSN 2238-894X
XXII Semana de Teologia | Simpósio Internacional de Mariologia | Maria no Mistério de Cristo e da Igreja
Recife, 10 a 12 de maio de 2017

FINALMENTE, JESUS EXISTIU OU NÃO? Uma análise da questão do Jesus histórico a partir da contribuição de Bart Ehrman

Max Weydson Farias Rodrigues[1]

Introdução

Jesus realmente existiu? Para os cristãos, não há dúvida alguma da sua existência e santidade. Para os céticos, o Cristianismo é fundamentado em um mito. Para muitas pessoas, a existência ou não de Jesus é menos importante do que sua influência para o mundo. Mas será que essas 'lições' citadas no Novo Testamento, por exemplo, realmente vieram de Jesus Cristo?

Nosso objetivo é abordar e discutir um problema que surge em uma das obras do historiador norte-americano Bart Ehrman, que é o problema da existência, ou não, da figura histórica de Jesus. Segundo Ehrman:

> Os estudiosos modernos do Novo Testamento, e os historiadores do cristianismo primitivo, são famosos por fazerem muitas alegações sobre Jesus. Alguns afirmam que Jesus foi um político revolucionário que queria instigar as massas em Israel a se rebelarem violentamente contra seus dominadores romanos. Já outros alegam que ele era uma espécie de filósofo cínico antigo sem nenhum interesse real na Bíblia Hebraica. (EHRMAN, 2014, p. 10)

Porém, apesar dessa variedade de opiniões, Ehrman (2014) garante que há vários pontos de consenso entre praticamente todos os estudiosos em antiguidade, como: Jesus foi um homem judeu, reconhecido como pregador e mestre, que foi crucificado (uma forma romana de execução) em Jerusalém durante o reinado do imperador Tibério, quando Pôncio Pilatos era governador da Judeia.

Porém, ainda segundo Ehrman:

> Existe um grupo de autores, geralmente rotulados como "miticistas", que defendem a teoria de que não houve nenhum Jesus histórico digno desse nome; que o cristianismo começou com uma crença em uma figura espiritual e mítica; que os Evangelhos são essencialmente alegóricos e ficcionais; e que não é possível identificar somente uma pessoa por trás da tradição de pregação na Galileia. (EHRMAN, 2014, p. 10.)

Ainda segundo Ehrman (2015), os miticistas, tanto como um grupo quanto individualmente, não são levados a sério pela grande maioria dos estudiosos nas

[1] Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, e professor de História e Filosofia nos colégios Grupo Gênese de Ensino e Academia Cristã de Boa Viagem. E-mail: maxweydson@hotmail.com

áreas do Novo Testamento, cristianismo primitivo, história antiga e teologia. Porém, suas obras se tornaram muito populares nos últimos anos, e também muito influentes. Além disso, a publicação de matérias sensacionalistas em revistas de divulgação científica também contribuiu, ao longo dos últimos anos, para a reverberação de informações e análises equivocadas e insustentáveis a respeito da vida de Jesus.

Quem é Bart Ehrman?

Antes de continuar nossa análise, acreditamos ser importante algumas informações sobre Bart Ehrman. Ele é professor da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill. Começou sua carreira como professor na Rutgers University, e se juntou ao corpo docente do Departamento de Estudos Religiosos da UNC em 1988, onde atuou como Diretor de Pós-Graduação e como Presidente do Departamento. Completou seu M.Div. e Ph.D. no Seminário de Princeton, onde sua dissertação de doutorado, em 1985, foi premiada com magna cum laude. Especialista no Novo Testamento e na história do cristianismo primitivo, escreveu ou editou trinta livros, numerosos artigos acadêmicos e dezenas de revistas de livros. Nos últimos dez anos, cinco de seus livros se tornaram best-sellers nos Estados Unidos da América[2].

Breve história do miticismo

Talvez a obra mais importante dos últimos duzentos anos sobre Jesus é o clássico Em busca do Jesus histórico, de Albert Schweitzer. Nessa obra ele apresenta uma breve história dessa tradição miticista. Apresentaremos agora, bem brevemente, um pouco dessa história.

De acordo com Schweitzer (2003), o primeiro autor a negar a existência de Jesus foi no século XVIII, o francês Constantin François Volney, membro da Assembleia constituinte durante a Revolução Francesa. Em 1791, Volney publicou um ensaio (em francês) intitulado “Ruínas do Império”. Ele argumentou nesse texto que, essencialmente, todas as religiões são uma só – uma proposição ainda popular

[2] Informações extraídas do site mantido pelo próprio Bart Ehrman: bartdehrman.com.

em países de língua inglesa, entre pessoas que não são especialistas em estudos religiosos, principalmente na versão formulada por Joseph Campbell na segunda metade do século XX. Para Volney, o cristianismo também não passava de uma variante de uma única religião universal. Particularmente, essa variante fora inventada pelos cristãos primitivos, que criaram o salvador Jesus como uma espécie de deus-sol. “A alcunha mais famosa de Jesus, ‘Cristo’, fora inspirada no nome do deus indiano Krishna, de som semelhante” (SCHWEITZER, 2003, p. 101).

Alguns anos depois um livro bem mais sério e influente foi publicado por outro francês, Charles-François Dupuis, secretário da Convenção Nacional revolucionária. “Origem de todos os cultos” (1795) era uma obra enorme de 2.017 páginas. O objetivo principal de Dupuis era desvendar a natureza da “divindade original” por trás de todas as religiões. Dupuis concordou com seu compatriota Volney: “Jesus também fora originalmente inventado como mais uma personificação do deus-sol” (SCHWEITZER, 2003, p 102).

Segundo Schweitzer (2003), o primeiro estudioso da Bíblia autêntico a alegar que Jesus nunca existiu foi o teólogo alemão Bruno Bauer, considerado altamente idiossincrático e inteligente pelos estudiosos do Novo Testamento. No decorrer de seus estudos, ao fazer uma análise cuidadosa, detalhada e extremamente crítica das narrativas dos Evangelhos, Bauer começou a ver Jesus como uma invenção literária dos autores evangelistas. Concluiu que o cristianismo era uma amálgama do judaísmo com a filosofia romana do estoicismo.

Um tipo de apoio diferente ao miticismo é encontrado na obra de Thomas L. Thompson The Messiah Myth: The Near Eastern Roots of Jesus and David [O mito do Messias: As raízes de Jesus e Davi no Oriente Próximo]. Segundo Schweitzer:

> Em sua própria especialidade, ele acredita que certas figuras da Bíblia Hebraica, como Abraão, Moisés e Davi, nunca existiram. Ele transfere essa perspectiva para o Novo Testamento e argumenta que Jesus também não existiu, mas foi inventado por cristãos que queriam criar a figura de um salvador a partir das escrituras judaicas. (SCHWEITZER, 2003, p. 286)

O miticista mais renomado dos tempos modernos – ao menos entre estudiosos do Novo Testamento que conhecem o assunto – é George A. Wells. Ele é professor emérito de alemão na Universidade de Londres e especialista em história intelectual alemã moderna. Ele já escreveu vários livros e artigos defendendo uma posição miticista, nenhum mais incisivo do que sua obra de 1975,

Did Jesus Exist? [Jesus existiu?]. Ainda que a maioria dos estudiosos do Novo Testamento não considere seu trabalho convincente, “foi destacadamente o melhor trabalho miticista disponível antes dos estudos de Price” (SCHWEITZER, 2003, p. 103).

Mas sem dúvidas, o autor miticista mais popular é o norte-americano Robert Price. E é justamente com esse autor que Bart Ehrman mais dialoga em sua obra. Price começou como cristão evangélico conservador, com mestrado pelo Seminário Teológico Gordon-Conwell, e, em seguida, fez doutorado em teologia sistemática na Universidade Drew e depois um segundo doutorado em estudos do Novo Testamento, também em Drew. Segundo Ehrman (2014), é o único estudioso qualificado do Novo Testamento que lança mão de uma abordagem miticista. Seu primeiro livro importante, *The Incredible Shrinking Son of Man: How Reliable is the Gospel Tradition?* [A incrível redução do Filho de Deus: Até que ponto se pode confiar na tradição evangélica?], responde à pergunta do subtítulo negativamente, afirmando que a tradição evangélica inventou a existência de Jesus.

Principais alegações miticistas contra a existência de Jesus e as respostas de Ehrman

Segundo Ehrman (2014), existem quatro alegações que são praticamente comuns em todas as obras dessa tradição miticista. A partir de agora, citaremos esses argumentos, e em seguida as réplicas de Bart Ehrman.

O primeiro argumento, segundo Ehrman (2014), é que os miticistas gostam de explorar os problemas históricos que os Evangelhos apresentam: não subsistiram os textos originais dos Evangelhos, de modo que há momentos em que não sabemos o que os autores originalmente disseram; os Evangelhos não foram escritos pelos autores cujos nomes aparecem nas obras (Mateus, Marcos, Lucas e João), mas por pessoas que não foram seguidores diretos de Jesus e viveram de quarenta a sessenta anos depois dele em locais diferentes do mundo; os Evangelhos estão repletos de discrepâncias e contradições; os Evangelhos narram eventos históricos que podem ser comprovadamente refutados.

Ehrman responde essa alegação dizendo que os manuscritos do Novo Testamento realmente contêm diversas variações: maneiras alternativas de expressar um versículo ou uma passagem, omissões de palavras ou frases,

inserções de palavras e frases aqui e ali. Mas o problema não é tão grave a ponto de ser impossível se ter uma ideia do que os autores cristãos antigos escreveram. “Se não tivéssemos a mínima ideia do conteúdo original dos textos de Paulo ou dos Evangelhos, essa objeção talvez tivesse mais peso” (EHRMAN, 2014, p. 157).

Já sobre a autoria dos textos dos Evangelhos, Ehrman afirma que apesar de não sabermos quem foram os autores desses livros, “ainda podemos usá-los como fontes históricas de conhecimento sobre Jesus” (EHRMAN, 2014, p.157).

O segundo argumento contra a existência de Jesus, segundo Ehrman, é uma das alegações mais comuns encontradas nos escritos dos miticistas: a cidade onde Jesus teria nascido, Nazaré, na verdade nunca existiu, mas é ela mesma um mito (usando o termo no sentido dos miticistas).

Ehrman responde que descobertas arqueológicas recentes comprovam a existência de Nazaré. Ele continua afirmando:

> Não é por menos que esse lugar não é mencionado na Bíblia Hebraica, em Josefo ou no Talmude. Era pequeno, pobre e insignificante demais. A maioria das pessoas nunca ouvira falar dele, e quem ouvira ignorava-o totalmente. Outra coisa: Por que Marcos inventaria uma cidade que não existia para explicar como Jesus nasceu? (EHRMAN, 2014, p. 158)

O terceiro argumento mais comum dos miticistas para descreditar a existência histórica de Jesus afirma que os Evangelhos do Novo Testamento não passam de reformulações e paráfrases de passagens do Antigo Testamento aplicadas a uma figura fictícia de Jesus. Na tradição judaica, a prática de parafrasear, expandir e reaplicar um texto como meio de interpretá-lo é chamada de Midrash[3].

Ehrman começa sua resposta afirmando que o fato de uma história sobre uma pessoa ser moldada segundo o formato de relatos e tradições mais antigas não prova que a essência da história seja inverídica. Mostra apenas como a história tomou a forma que tem. Ele argumenta que o máximo que a narração da história nos faz suspeitar é de cada um dos detalhes. A existência histórica da personagem da narrativa é uma questão totalmente diferente. Segundo ele, “isso ocorre porque todos os tipos de história, não apenas as bíblicas, são moldadas por seus autores” (EHRMAN, 2014, p. 159).

[3] Se o texto é narrativo, e não um conjunto de leis, o Midrash se chama haggadic (em oposição ao halakhic).

O quarto e último argumento mais comum entre os miticistas afirma que o Jesus dos Evangelhos é baseado em histórias pagãs de homens divinos.

Ehrman inicia sua resposta a essa questão admitindo que Jesus não foi o único no mundo antigo 'conhecido' como um filho de Deus que operava milagres. Havia outros, como Apolônio de Tiana.

A resposta de Ehrman a esse último argumento é de que realmente há semelhanças entre o que os pagãos diziam sobre seus semideuses e o que os cristãos diziam sobre Jesus, como no caso de Apolônio. Mas, segundo ele, os paralelos não são tão estreitos e precisos quanto defende a maioria dos miticistas. Ele conclui:

> É verdade que algumas conformidades são significativas, mas isso não é relevante para se determinar se existiu realmente um pregador judeu chamado Jesus que foi crucificado sob as ordens de Pôncio Pilatos. Assim como concluímos anteriormente em relação aos paralelos com figuras do Antigo Testamento, os cristãos moldavam seus relatos sobre Jesus de acordo com histórias que já conheciam. (EHRMAN, 2014, p. 162)

Consenso acadêmico

Após responder essas alegações, Bart Ehrman apresenta em sua obra uma séria de provas sobre a existência de Jesus, e mostra como a maioria dos especialistas em Cristianismo primitivo e em interpretação bíblica concorda com esses fatos. São provas retiradas dos próprios documentos históricos que compõe o Novo Testamento, citações na literatura judaica, romana e cristã. Ele também apresenta critérios hermenêuticos modernos que ajudam a compreender melhor os textos do Novo Testamento. Como esse não é o objetivo desse trabalho, sugerimos a leitura do livro de Ehrman para mais informações.

Considerações finais

Após essa breve apresentação de alguns argumentos de Bart Ehrman contra as alegações de autores que afirmam que o Jesus histórico nunca existiu, acreditamos contribuir positivamente para o debate no cenário acadêmico brasileiro. Observamos que o tema 'Cristianismo primitivo' e o 'Movimento de Jesus' estão se

tornando cada vez mais populares no Brasil, e esse trabalho tem como objetivo combater um equívoco que pode comprometer uma boa análise desses temas.

Não é à toa que Bart Ehrman tenha se tornado um dos autores mais lidos dos Estados Unidos e do mundo quando o assunto é Cristianismo primitivo. Ele combina como poucos erudição e clareza, e por isso o escolhemos para tratar desse assunto tão importante.

Referências

CHEVITARESE, André; FUNARI, Pedro Paulo. **Jesus histórico: uma brevíssima introdução**. Rio de Janeiro: Kline, 2012.

CROSSAN, John Dominic. **O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu no Mediterrâneo.** Rio de Janeiro: Imago, 1994.

EHRMAN, Bart. **Jesus existiu ou não?** Rio de Janeiro: Agir, 2014.

_____. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?** Rio de Janeiro: Agir, 2014.

HORSLEY, Richard. **Jesus e o Império**. São Paulo: Paulus, 2012.

MEIER, John. **Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SCHWEITZER, Albert. **A busca do Jesus histórico**. São Paulo: Fonte Editorial, 2003.

THEISSEN, Gerd. **O Jesus histórico: um manual.** São Paulo: Loyola, 2002.